



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## AS RELAÇÕES ENTRE APRENDIZAGEM E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIOEDUCATIVA

Juliana dos Santos Rocha

Juliana.rocha.001@acad.pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Brasil

Virgínia Dornelles Baum

vvbaum@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Brasil

Marlene Rozek

Marlene.rozek@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Brasil

### **RESUMO**

A presente proposta se refere a uma investigação realizada com adolescentes em situação de vulnerabilidade social, na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, extremo Sul do Brasil. Buscou-se compreender como a aprendizagem se relaciona com os processos de inclusão e exclusão socioeducativa. Para tanto, fez-se uma análise de como os adolescentes, participantes da pesquisa, percebem seus processos de aprendizagem; investigou-se como os processos de aprendizagem contribuem para a inclusão e a exclusão em todo o processo educativo; e, observou-se, a partir dos relatos dos sujeitos, situações de



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

inclusão e exclusão no sistema educativo, considerando a aprendizagem aspecto central no processo educacional. Participaram da pesquisa 10 adolescentes, entre 14 e 18 anos de idade, moradores de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social, devido à falta de acesso a bens como saúde, educação e lazer, e, também, pela forte ação do tráfico de drogas na região. As premissas que embasam a proposta, no que tange à vulnerabilidade social, estão de acordo com a perspectiva do corpo teórico do materialismo histórico e dialético, considerando que o engendramento social produz situações de vulnerabilidade social, nas quais estão inseridos milhares de brasileiros. Em uma perspectiva mais filosófica, a aprendizagem é entendida como um processo humano, que ocorre ao longo da vida, considerando os processos de aprendizagem imprescindíveis na produção de humanização, mas, reconhecidos na atualidade, pela sociedade, como pertencentes apenas ao espaço escolar. Para a compreensão da adolescência, buscou-se a perspectiva sócio-histórica, que tem um viés não naturalista dos processos da adolescência, entendendo-a como uma etapa do desenvolvimento humano, com características que se constituem a partir de experiências sociais, culturais e históricas. A pesquisa é de cunho qualitativo e grupos focais realizados com os adolescentes foram utilizados para a coleta de dados, junto à técnica projetiva psicopedagógica *par educativo*. Do ponto de vista da análise de dados, utilizou-se a análise textual discursiva, que se propõe a analisar e a interpretar dados de pesquisas qualitativas e que prima pela impregnação do pesquisador no *corpus*, de forma a permitir que dele emergjam categorias trazidas pelos sujeitos da pesquisa. Quanto aos achados da pesquisa, compreende-se que os adolescentes têm dificuldades de perceber seu potencial para a aprendizagem, de se reconhecerem como aprendentes, o que está fortemente relacionado com um modelo escolar que não reconhece as aprendizagens externas à escola e que está preparado para um público homogêneo, com recursos cognitivos e afetivos preestabelecidos. É possível perceber, ainda, que em espaços não formais de educação, com maior flexibilidade e acolhimento desses sujeitos, eles conseguem desenvolver maior potencial para aprender, a partir, também, do estabelecimento de relações mais positivas com quem ensina. Assim, os processos de inclusão e exclusão socioeducativa são fortemente perpassados pelos processos de aprendizagem, ao passo que aqueles sujeitos que apresentam maiores dificuldades para aprender acabam



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

abandonando a educação formal e tendo maior dificuldade de inserção em uma sociedade baseada no trabalho, que exige cada vez uma formação maior e mais específica.

### **Palavras-chave**

Aprendizagem. Inclusão Socioeducativa. Exclusão Socioeducativa.

### **ABSTRACT**

This work refers to an investigation carried out with adolescents in social vulnerability situation, in Porto Alegre city, capital of the State of Rio Grande do Sul, extreme south of Brazil. It aims to understand how learning relates to the processes of social inclusion and exclusion. Therefore, an analysis was made of how adolescents, research participants, perceive their learning processes; it was investigated how the learning processes contribute to inclusion and exclusion in the whole educational process; and, from the subjects' reports, it was observed situations of inclusion and exclusion in the educational system, considering learning a central aspect in the educational process. Ten adolescents, aged between 14 and 18 years old, residents of a community living in a social vulnerability situation due to the lack of access to health, education and leisure goods, as well as the strong drug trafficking in the region. The assumptions underlying the proposal regarding social vulnerability are in agreement with the perspective of historical and dialectical materialism, considering that social engendering produces situations of social vulnerability in which thousands of Brazilians live. In a philosophical perspective, learning is understood as a human process, which occurs throughout life, considering the processes of learning essential in the production of humanization. However, the processes of learning are currently recognized by society as belonging only to the school environment. In order to understand adolescence, we sought the socio-historical perspective, which has a non-naturalistic bias of the processes of adolescence, understanding it as a stage of human development, with characteristics that are constituted from social, cultural and historical experiences. This research is qualitative and the focal groups performed with the adolescents were used to collect data, together with the projective psycho pedagogical technique called “par educativo”. From the data analysis perspective, was



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

used the discursive textual analysis, which proposes to analyze and interpret data from qualitative research and which is based on the impregnation of the researcher in the corpus, in order to allow it to emerge categories brought by the subjects of the research. Regarding the research findings, it is understood that adolescents have difficulties to realized their potential for learning, to recognize themselves as learners, which is strongly related to a school model that does not recognize learning outside the school environment and that is prepared for a homogenous audience, with pre-established cognitive and affective resources. Also, it is possible to apprehend that in non-formal spaces of education, with greater flexibility and acceptance of these subjects, they are able to develop greater potential to learn, also, by establishing more positive relationships with those who teach. Thus, the processes of socio-educational inclusion and exclusion are strongly permeated by the learning processes, whereas those subjects who present greater difficulties to learn end up abandoning formal education and having more difficulty of insertion in a society based on labor, which requires a larger and more specific formation.

### **Keywords**

Learning. Socio-educational Inclusion. Social-educational Exclusion.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## I. Introdução

O aprender é condição humana, pois, durante toda a vida, aprendemos. As condições de existência humana – a vida, a natalidade, a mortalidade, a mundanidade, a pluralidade e a Terra – não condicionam os indivíduos de modo absoluto (Arendt, 2014), pois existe a possibilidade de, como seres humanos, passar por processos históricos e culturais similares e de apreender a realidade, a partir da subjetividade, de formas diferentes, por processos de aprendizagem que são sociais, mas também individuais.

Contudo, ao passo que socialmente a compreensão de aprendizagem está diretamente relacionada aos processos de escolarização, os êxitos e os fracassos que perpassam as histórias de escolarização dos alunos costumam ser relacionados com o potencial para a aprendizagem de cada um, sem considerar as aprendizagens realizadas fora do espaço escolar (Rocha, 2016). Desse modo, os percalços enfrentados no ambiente escolar podem influenciar significativamente as trajetórias dos alunos.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo principal compreender como os processos de aprendizagem se relacionam com os processos de inclusão ou exclusão socioeducativa, considerando alunos em contextos de vulnerabilidade social. Postulou-se como problema da pesquisa: *como a aprendizagem pode influenciar os processos de inclusão e exclusão socioeducativa?* Para tanto, buscou-se analisar como adolescentes em situação de vulnerabilidade social percebem seus processos de aprendizagem; investigar como os processos de aprendizagem dos sujeitos contribuem para que sejam incluídos ou excluídos em todo o processo educativo; e, observar situações de inclusão e exclusão no sistema educativo, considerando a aprendizagem aspecto central no processo educacional.

Como lastro teórico, elegeu-se a perspectiva do corpo teórico do materialismo histórico e dialético, considerando que o engendramento social produz situações de vulnerabilidade social, nas quais estão inseridos milhares de brasileiros (Cronemberger & Teixeira, 2012). Em uma perspectiva mais filosófica, a aprendizagem é entendida como um processo humano, que ocorre ao longo da vida, considerando que os processos de aprendizagem são imprescindíveis na produção de humanização, mas, reconhecidos na



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

atualidade, pela sociedade, como pertencentes apenas ao espaço escolar (Heller, 2014; Rocha, 2016). Para as compreensões da aprendizagem também foram utilizados alguns pressupostos da psicopedagogia, com o intuito de analisar os diferentes processos de aprendizagem dos sujeitos no processo de escolarização (Fernández, 1991, 2001; Paín, 1992, 1999). Para a compreensão da adolescência, buscou-se a perspectiva sócio-histórica, que tem um viés não naturalista dos processos da adolescência, entendendo-a como uma etapa do desenvolvimento humano, com características que se constituem a partir de experiências sociais, culturais e históricas (Bock, 2001; Tomio & Facci, 2009).

A partir da análise dos dados, compreende-se que os adolescentes participantes da pesquisa têm dificuldades de perceber seu potencial para a aprendizagem, de se reconhecerem como aprendentes, o que está fortemente relacionado com um modelo escolar que não reconhece as aprendizagens externas à escola e que está preparado para um público homogêneo, com recursos cognitivos e afetivos preestabelecidos. Foi possível perceber, ainda, que em espaços não formais de educação, com maior flexibilidade e acolhimento desses sujeitos, eles conseguem desenvolver maior potencial para aprender, a partir, também, do estabelecimento de relações mais positivas com quem ensina. Assim, conclui-se que os processos de inclusão e exclusão socioeducativa estão fortemente entrelaçados com os processos de aprendizagem, ao passo que aqueles sujeitos que apresentam maiores dificuldades para aprender acabam abandonando a educação formal e tendo maior dificuldade de inserção em uma sociedade baseada no trabalho, que exige cada vez uma formação maior e mais específica.

## **II. Marco teórico**

Tudo aquilo com o que os homens entram em contato por meio da história humana, ou mesmo tudo o que produzem, torna-se condição humana, pois se converte em marca da sua existência (Arendt, 2014). A condição humana é tudo o que, ao entrar em contato com o homem, torna-se condição imediata de sua existência. Considera-se o aprender condição e produção humana, pois, a partir dos processos de aprendizagem, os homens se apropriam dos



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

recursos criados para a vida em sociedade, tornando-se, assim, uma condição para que se insira no processo histórico da humanidade.

Para Heller (2014), o homem torna-se homem ao ser inserido na cotidianidade; o seu amadurecimento significa que ele adquiriu as ferramentas e habilidades necessárias para a vida cotidiana da sociedade. É adulto aquele que domina essas ferramentas, que começa com o domínio dos objetos, desde o mais simples, como segurar um copo. Esse exemplo serve para mostrar a complexidade do processo de tornar-se humano, que vai do domínio do objeto, palpável (o copo), ao domínio das relações que se estabelecem nesse contexto.

Nesse processo, inseridos na cotidianidade, na sociedade e em grupos menores, como a família, o sujeito vai construindo modelos, uma matriz interna de relação com o real, adquirindo e construindo formas de aprender que estão relacionadas com as matrizes que os outros humanos, com os quais convive, construíram. São as matrizes de aprendizagem (Quiroga, 1996), estruturas internas, complexas e contraditórias; estruturas em movimento. Assim, entende-se que as formas de aprender dos sujeitos, suas crenças em relação ao aprender, sua afetividade, estão intrinsecamente relacionadas com as construções sociais em relação ao tema.

Nesse sentido, as primeiras aprendizagens, aquelas que ocorrem na relação com os primeiros cuidadores e, também, aquelas que ocorrem na escola, considerando que as compreensões de aprendizagem estão socialmente diretamente atreladas à escolarização, são significativas para a constituição do sujeito aprendente. Seus fracassos e êxitos nesses processos influenciam diretamente suas percepções acerca de seus próprios processos e de suas possibilidades de aprender (Rocha, 2016).

Conceituar a adolescência, nesta pesquisa, significa buscar uma perspectiva mais aberta às complexidades humanas, engendradas com o meio, com a produção e com os processos humanos, dotados de história e cultura. Em vista disso, busca-se, na psicologia sócio-histórica, suporte para uma visão não naturalista dos processos da adolescência, entendendo-a como etapa do desenvolvimento humano, com características que se constituem a partir de experiências sociais, culturais e históricas.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

A categoria adolescência, entendida como fase peculiar do desenvolvimento humano, situada entre a infância e a vida adulta, é produzida historicamente na sociedade ocidental moderna (Coutinho, 2005). Ozella (2003) faz uma crítica à visão cristalizada da psicologia a respeito da adolescência, quando se passou a dar visibilidade a essa “etapa” no século XX, considerada marcada por percalços relacionados à sexualidade. Propõe, então, uma visão diferenciada, buscando distanciamento de um posicionamento positivista, que compreende o sujeito engendrado social, cultural e historicamente, desde aspectos psicológicos às simples escolhas. Assim, o homem não é *natureza humana*, mas *produção humana* – ele é histórico em uma relação dialética entre sujeito e sociedade.

A adolescência é considerada uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta. Um processo muitas vezes caracterizado, na sociedade ocidental moderna, como difícil, cheio de perturbações e de muito trabalho para os adultos, que precisam conter o adolescente. Esse processo será diferenciado para cada sujeito, mas todos compartilham características em função da história e da cultura de cada lugar. Trata-se, de fato, de um período de modificações físicas, devido à maturação do aparelho reprodutor, dos hormônios, do corpo. No entanto, cada sujeito passará por essas mudanças de forma diferente e cada cultura atribuirá diferentes significados e sentidos a esse processo. Cada povo tem seus ritos e suas concepções a respeito desse período, agindo de acordo com suas crenças.

De acordo com Ozella e Aguiar (2008), a manutenção de visões estereotipadas e patologizantes da adolescência como um período natural de crise cumpre o papel ideológico de ocultar as contradições da realidade social. Uma visão, por vezes, ingênua sobre a constituição do sujeito, desvinculada da construção de sociedade, inaceitável na perspectiva do sujeito como construção humana. A “crise da adolescência” naturalizada banaliza os conflitos, desresponsabiliza a sociedade e, por consequência, culpa o próprio adolescente pelos percalços que enfrenta, sejam eles de que ordem for. Retoma a visão liberal de homem e preconiza o individualismo.

Alude-se, ainda, que o prolongamento do período na escola, em função da complexificação das relações dos homens com o homem e com a natureza, das exigências do mercado de trabalho, da visão deturpada pela sociedade de que algumas profissões são mais



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

dignas do que outras, principalmente as mais intelectualizadas, é bastante demarcado pelo que se chama de “preparação para a vida”, que, na verdade, refere-se ao trabalho. Esse período de preparação cada vez mais longo é o que a sociedade instituiu como adolescência.

A concepção de vulnerabilidade social está bastante relacionada a essa visão crítica da sociedade, entendendo o trabalho como uma categoria central e seus desdobramentos como questões importantes para as configurações sociais atuais. Nesse sentido, entende-se que o sujeito não é o vulnerável; o contexto em que ele está inserido é que o coloca em situação de vulnerabilidade. Não é culpa dele, e não é por falta de “esforço”, que ele não sai desse lugar. Há uma interligação de fatores sociais, alguns dos quais foram elencados na primeira parte deste texto, que produzem e mantêm esses contextos vulneráveis.

No Brasil, após breve recuperação e ampliação do mercado de trabalho e direitos sociais, avassalados pela Ditadura Militar até a década de 1980 (Sader, 2007), o novo golpe, realizado em decorrência do *impeachment* da presidenta em 2015, acirrou ainda mais as desigualdades em função dos cortes de verbas na área da educação, assistência social, saúde e segurança, bem como da brusca diminuição de vagas de emprego. Em contrapartida, há absurdos e abusivos benefícios ao setor privado, aumentando assim as desigualdades sociais e, conseqüentemente, as situações de vulnerabilidade social. A “flexibilização” da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) também incidirá de forma drástica sobre a população mais pobre, precarizando ainda mais o trabalho e tirando direitos conquistados em anos de luta. Destaca-se, assim, que o conceito de vulnerabilidade social precisa ser entendido a partir dos diferentes processos históricos com os quais está imbricado.

O termo tem sido considerado o mais apropriado por muitos autores, pois tem a capacidade de apreender a dinâmica dos fenômenos e descreve de forma mais adequada as situações encontradas nos países em desenvolvimento, “que não podem ser resumidas nas dicotomias pobres e ricos, incluídos e excluídos”, tamanha sua complexidade (Cronemberger & Teixeira, 2012, p. 97).

A vulnerabilidade social está relacionada a sujeitos que encontram riscos diante de situações de desemprego, precariedade do trabalho, pobreza e falta de proteção social. Está relacionada, também, à falta de acesso a bens culturais e artísticos, à dificuldade em



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

estabelecer laços sociais, comunitários e familiares, bem como à precariedade e dificuldade de acesso a serviços básicos como saúde e educação. É a combinação de fatores como agravos à saúde, violência e pobreza que pode produzir a deterioração do nível de bem-estar de pessoas, famílias ou comunidades. Não é, pois, uma questão individual, mas sistêmica, e precisa ser foco de preocupação da sociedade.

### III. Metodologia

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa, pois prioriza os processos e as relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos da pesquisa e a realidade em que estão inseridos. Nesse caso, “a realidade é um ponto de partida e serve como elemento mediador entre os sujeitos” (Sánchez Gamboa, 2012, p. 45); sujeito e realidade são indissociáveis. Elementos não quantificáveis importam, visto que o problema de pesquisa não poderia ser respondido por experimentos com dados quânticos, pois “o termo *qualitativo* implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (Chizzotti, 2003, p. 221).

A investigação é proposta a partir do problema: *como a aprendizagem pode influenciar os processos de inclusão e exclusão socioeducativa?* Ou seja, quais os entrelaçamentos possíveis entre os processos de aprendizagem e os processos de inclusão e exclusão socioeducativa durante a escolarização dos sujeitos. Postulou-se como objetivo geral: compreender como os processos de aprendizagem se relacionam com os processos de inclusão ou exclusão socioeducativa; e como objetivos específicos: a) analisar como os adolescentes em situação de vulnerabilidade social percebem seus processos de aprendizagem; b) investigar como os processos de aprendizagem dos sujeitos contribuem para que sejam incluídos ou excluídos do processo educativo; e c) observar situações de inclusão e exclusão no sistema educativo, considerando a aprendizagem aspecto central no processo educacional.

Participaram da pesquisa 10 adolescentes, entre 14 e 18 anos de idade, moradores de uma comunidade que vive em situação de vulnerabilidade social devido à falta de acesso a



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

bens como saúde, educação e lazer, e, também, pela forte ação do tráfico de drogas na região. Entre um número aproximado de 20 adolescentes contatados, tanto por meio das redes sociais quanto por meio da própria instituição, foram pré-selecionados dez participantes, de acordo com os seguintes critérios: estabelecimento de vínculo com a pesquisadora, moradia em local de vulnerabilidade social, variabilidade de sexos e idades, disponibilidade para participar da pesquisa – mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – e autorização dos responsáveis aos menores de 18 anos.

A coleta de dados foi feita a partir de dois grupos focais (Gatti, 2005), com duração média de 1h30min, dos quais foram gravados áudios que, posteriormente, foram transcritos e analisados. Justamente com a técnica coletiva, foram realizados encontros individuais com os adolescentes, onde se propôs a técnica psicopedagógica *par educativo*, na qual o sujeito é convidado a desenhar uma situação qualquer em que haja alguém ensinando e alguém aprendendo. A partir dessa técnica foram feitas algumas observações e preparados os roteiros abertos para a realização dos grupos focais.

A análise dos textos gerados a partir dos grupos focais foi feita a partir da análise textual discursiva (ATD), que tem como princípio a impregnação do pesquisador pelo *corpus* com o qual trabalha. Tem como ortó a extenuante descrição acompanhada da cuidadosa interpretação. A ATD é constituída por três fases: unitarização – o texto é todo fragmentado, separando cada unidade de sentido, categorização – na qual são agrupadas as unidades de sentido que compõem uma categoria, e construção de metatextos – textos nos quais o autor faz uma análise entrelaçando as categorias com compreensões e interpretações teóricas (Moraes & Galiazzi, 2011).

#### **IV. Análise e discussão dos dados**

Entende-se que os diferentes processos de exclusão são aqueles que deixam determinada pessoa ou grupo de pessoas fora, sem acesso a algum bem, instituições ou espaços. O termo *exclusão* está historicamente ligado à parte da população que acaba não se inserindo no mercado de trabalho. Contudo, entender o conceito com maior profundidade exige



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

perceber que suas margens não são tão claras quando se refere a intencionalidades. Ribeiro (2006) salienta que, na prática, há dois projetos em disputa, duas intencionalidades que direcionam o fazer educativo, por exemplo, na qual ingenuamente muitos profissionais se prestam a “controlar” a população. Um dos projetos está relacionado ao conceito de exclusão social, que emergiu no País nos anos de 1990 juntamente com as políticas neoliberais, cujo objetivo é de “incluir” todos no mercado de trabalho e, para tanto, necessita padronizar o ser humano de acordo com as exigências desse mercado, massificando-o. Ao definir quem está excluído, o termo não deixa claro quem toma tal decisão e, muitas vezes, coloca apenas sobre o próprio sujeito essa responsabilidade. Ainda,

[...] se considerarmos que os processos de exclusão social são inerentes à lógica do modo de produção capitalista, veremos que as políticas de inclusão e/ou inserção social são estratégias para integrar os objetos – os excluídos – ao sistema social que os exclui e, ao mesmo tempo, de manter sob controle as tensões sociais que decorrem do desemprego e da exploração do trabalho, móveis da exclusão social. (Ribeiro, 2006, p. 159).

Ou seja, aqueles que não cabem nessa estrutura, no sistema, por algum motivo – “limitações” físicas, econômicas, ideológicas, entre outras –, precisam ser docilizados. O segundo projeto, que exige uma reflexão mais aprofundada e um posicionamento crítico diante da realidade, é aquele que reconhece o quanto o próprio sistema é excludente e entende que os sujeitos precisam ter acesso à formação crítica e dialógica, de modo que possam fazer suas próprias escolhas e compreender seu papel na sociedade, bem como as mazelas do sistema.

Nesta pesquisa, inclusão ou exclusão socioeducativa relacionam-se à possibilidade de acesso à educação de qualidade, crítica e dialógica para todos, compreendendo que a educação é apenas uma das esferas da vida dos sujeitos e que, portanto, é necessário que se garanta uma série de outros direitos básicos para que a população tenha uma vida digna.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Portanto, pode-se dizer, com base na análise dos dados empíricos, que a aprendizagem tem grande potencial para influenciar o processo de inclusão ou exclusão socioeducativa. Contudo, para se compreender tal perspectiva, é necessário entender a concepção de aprendizagem que se encontra por detrás de tal afirmação. Em um primeiro momento, é necessário não confundir aprendizagem com escolarização. Aprender é um processo complexo de apropriação e posicionamento no mundo, no qual se colocam em jogo os aspectos orgânicos, os desejantes, os cognitivos e os de constituição corporal em relação a um lugar histórico, social e cultural (Fernández, 1991), ou seja, quando se fala em aprendizagem, o sujeito deve ser contextualizado. Tal perspectiva vai ao encontro do conceito organizado por um dos adolescentes entrevistados: “Uma coisa que se aprende e nunca mais se esquece” (fala de S2). Ou seja, para os adolescentes, as aprendizagens significativas são aquelas que podem ser utilizadas na vida como um todo, especialmente no mundo do trabalho. Essas, por sua vez, no discurso fluido dos adolescentes, ocorrem, em sua maioria, em ambientes não formais de aprendizagem, como na comunidade, na família e no trabalho.

No entanto, quando questionados diretamente sobre o local em que essas aprendizagens devem acontecer, referem-se, em geral, à escola. A exemplo disso citamos a fala de S4: “Tipo, tu aprendeu na escola... no trabalho tu vai precisa saber ler. Continua, tu vai precisa... tipo...”. Reconhecem, portanto, os conhecimentos escolares básicos como essenciais para uma vida em que haja uma mínima inclusão socioeducativa.

Contudo, com base na experiência de vida dos sujeitos entrevistados, a escola não é um ambiente que efetivamente os incluiu, sendo frequentemente associada a sentimentos de fracasso pessoal, como o exposto na fala de S3: “Eu fiquei a primeira série inteirinha sem saber escrever...”. Também é possível perceber que, em função das histórias de fracasso e das adversidades recorrentes nesse percurso, têm dificuldades de falar diretamente sobre o tema, indicando o quão dolorosa foi tal experiência. Ainda, há referências constantes à falta de significado nas propostas escolares e à dificuldade de relacionamento entre professores e alunos, o que é ilustrado pela fala de S4: “Eles chegam no bom dia, boa tarde e começam a copia. Copia. Se copio, copio... Se não copio azar!”. Por meio de uma reflexão, chegam à conclusão de que a escola não foi suficientemente boa para instrumentalizá-los para suas



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

necessidades cotidianas, tal como para as demandas do trabalho, fato ilustrado pela fala de S5: “[...] se eu to no meu trabalho e meu chefe pede pra mim fazer, tipo, um resumo do que eu fiz na minha semana, uma hora eu vou errar. [...] uma vez a gente, eu o <nome do colega> (também participante da pesquisa), tivemos que fazer isso. Tipo, ele riu da nossa atividade, ele riu...”, referindo-se a seu chefe.

Com base no exposto, é possível inferir que a escola, enquanto parte de um sistema organizado a partir dos preceitos do capitalismo, limita a capacidade de atuação social dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social, uma vez que eles não têm outros recursos que supram tais lacunas. Tal situação, assim, contribui ainda mais para a exclusão socioeducativa, uma vez que enfatiza o fracasso, reforçando a ideia de que não são adequados ao sistema.

Também é importante mencionar que os adolescentes entrevistados entendem que os espaços não formais de educação são ambientes ricos em aprendizagem, colaborando de forma significativa para que consigam fazer escolhas mais conscientes e qualificadas para suas vidas, dentro dos limites impostos pelas suas condições socioeconômicas (o que causa impacto nas suas perspectivas de futuro), sendo a família e o trabalho os mais destacados nesse processo. Os adolescentes, de forma consciente, também referem que traços sociais da comunidade, como a criminalidade associada ao tráfico de drogas, influenciam sobremaneira as opções daqueles que lá vivem. Assim, as perspectivas de aprendizagem e trabalho também se relacionam significativamente com a cultura da comunidade da qual fazem parte. Desse modo, quando a escola não se constitui em conjunto com as comunidades, considerando suas formas e processos de aprendizagem, bem como seus saberes, o aprender nesse ambiente se torna ainda mais difícil para esses sujeitos.

## V. Considerações finais

Compreende-se que os recorrentes percalços enfrentados pelos adolescentes participantes da pesquisa no processo de escolarização contribuem para que tenham dificuldades para perceber seu potencial para a aprendizagem. As dificuldades de relacionamento com os professores, os preconceitos, a falta de valorização dos saberes



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

populares e o reconhecimento da potência da cultura dessa população são aspectos que se mostraram significativos para o aprender e o não aprender dos adolescentes na escola. Há um sentimento de inadequação às exigências e à conformação da escola que fica evidenciada pelas falas dos sujeitos. Acredita-se que essas questões têm contribuído para o alto índice de evasão escolar, que aumenta gradativamente conforme os anos de escolarização, contribuindo para os processos de exclusão social.

Contudo, mesmo diante das adversidades socioeconômicas e educacionais vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, é perceptível que suas histórias de vida lhes ensinaram a fazer escolhas a partir de suas aprendizagens significativas, sejam elas constituídas a partir da observação do meio em que vivem, da opção por seguir algum exemplo ou fazer diferente, o que demonstra que desenvolveram consciência crítica, não se rendendo totalmente à condição que a sociedade lhes impõe.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## Referências

- Arendt, H. (2014). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense universitária.
- Bock, A. M. B. (2001). A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves, & O. Furtado. (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp. 15-36). São Paulo: Cortez.
- Coutinho, L. G. (2005). Adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional*, 17(181), 16-23.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221-236. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>.
- Cronemberger, I. M., & Teixeira, S. M. (2012). Famílias vulneráveis como expressão da questão social e à luz da política de assistência social. *Interface*, 9(2), 92-117. Recuperado de <https://ojs.ccsa.ufrn.br/ojs//index.php?journal=interface&page=article&op=view&path%5B%5D=357&path%5B%5D=360>
- Fernández, A. (1991). *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artmed.
- Fernández, A. (2001). *Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro.
- Heller, A. (2014). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- Moraes, R., & Galiazzi, M. C. (2011). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Paín, S. (1992). *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem* (4a ed). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Paín, S. (1999). *A função da ignorância*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ozella, S. (2003). A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In S. Ozella, *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica* (pp. 17-40). São Paulo: Cortez.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- Ozella, S., & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125.
- Quiroga, A. (1996). *Matrices de aprendizaje: constitución del sujeto em el proceso de conocimiento*. Argentina: Editorial CINCO.
- Ribeiro, M. (2006). Exclusão e educação social: conceitos em superfície e fundo. *Educ. Soc.*, 27(94), pp. 155-178.
- Rocha, J. (2016). *O aprender como produção humana: os sentidos subjetivos produzidos acerca da aprendizagem por adolescentes em situação de vulnerabilidade social* (Dissertação de mestrado), Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Sader, E. (2007). Contexto histórico e educação em direitos humanos no Brasil: da ditadura à atualidade. In R. M. G. Silveira, A. A. Dias, L. F. G. Ferreira, M. L. P. A. M. Feitosa, & M. N. T. Zenaide, *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos* (pp. 75-83). João Pessoa: Editora Universitária.
- Sánchez Gamboa, S. (2012). *Pesquisa em educação: métodos e epistemologias*. Chapecó: Argos.
- Tomio, N. A. O., & Facci, M. G. D. (2009). Adolescência: uma análise a partir da Psicologia Sócio-Histórica. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, 12(1), 89-99.